



8ª  
EDIÇÃO

ASSIM COMO TU

Raquel Salgueiro



### Ser Igual

Esta é uma história sobre pessoas. Sobre pessoas e com pessoas. Se cada pessoa tem uma história, uma história também pode ter pessoas. Tu és uma pessoa. Eu também. Temos um corpo, como todas as pessoas. Ser pessoa é ter, mais ou menos, uma cabeça para acenar quando a boca fica calada ou para deitar na almofada quando o corpo quer dormir; dois braços, com mais ou menos músculo, para nos içar até levantar os pés do chão ou para abraçar a pessoa que nos convidou para dançar; duas pernas para cruzar ou saltar ao pé-coxinho; duas mãos para agarrar, amachucar e amassar e dois pés para caminhar, sempre caminhar; cinco dedos em cada mão para apontar, encaixar as peças num puzzle, para ler ou marcar a página de um livro quando já tens sono; cinco dedos em cada pé, que servem para fazer buracos nas meias e dizer que os sapatos não servem; é ter mais ou menos um nariz, com duas narinas, para inspirar, expirar e cheirar, e uma boca para comer, beijar e às vezes vomitar. Ser pessoa é também ter, mais ou menos, um coração, dois pulmões, um fígado, um cérebro, dois rins. Eu, por acaso tenho estas coisas todas. Quero dizer, tenho mais ou menos. E tu? Também temos sangue, vermelho, que vemos no joelho quando caímos da bicicleta ou quando decide sair pelo nariz. O sangue às vezes parece que quer sair do corpo, mas pomos um penso e tentamos não pensar mais nisso. As pessoas também têm idade, medida em anos, que se medem em meses e em dias. Quando as pessoas são mesmo muito pequenas podemos medir a idade em horas, minutos e segundos. Parece que quanto maiores são as pessoas, maior é a medida do tempo. Se calhar, se fosse ao contrário, nunca morríamos. Ou, se calhar, levaria noniliões de segundos. As pessoas também têm altura e peso. E ocupam espaço. E gostam de objetos. Ainda bem que esta história não é sobre objetos, porque há tantos, tantos, que a história não teria fim. E uma história não é um objeto, por isso podemos continuar. As pessoas têm gostos e desgostos, o que as leva a ter sorrisos ou lágrimas. E podem gostar tanto de outras pessoas que também choram de alegria.

### Ser Individual

E tem mesmo de ser? A pessoa é um ser. Tal e qual como os outros seres que também têm um corpo. Mas as pessoas têm um corpo humano. E porque ser é existir, existem muitos seres. O ser humano és tu. E eu. Eu, que estou a escrever, e tu, que estás a ler. Acho que só os seres humanos conseguem ler e escrever. Será que se dessem um lápis a um chimpanzé, escreveria? Escreveria letras, vírgulas e pontos de interrogação? Os seres que não entendem a língua dos seres humanos devem ter imensas perguntas. Conseguiriam juntar sílabas e formar palavras? Até podemos imaginar um cravo a escrever uma carta de amor a uma rosa. Devia ser a carta mais perfumada que já foi escrita. Mas terão as flores nariz?

As pessoas têm um aparelho reprodutor. E é por causa deste aparelho que há mais pessoas. Ora, vamos imaginar a Pessoa 1. Esta pessoa tem nome. Chama-se Antónia. Bem, ainda não se chama porque ainda não nasceu. Mas a Pessoa 2 e a Pessoa 3, que são a mãe e o pai da Antónia, juntaram os seus sistemas reprodutores e a Antónia está quase a nascer. Claro que as



Pessoas 2 e 3 podiam ser a mãe e a outra mãe da Antónia. Ou o pai e o outro pai da Antónia. A quase-Antónia quando nascer vai chorar, comer, dormir, fazer chichi e cocó. E a mãe e o pai vão assinar um grande documento onde vai estar escrito «Antónia». E nasceu mais uma pessoa.

Mas a Antónia, ainda não sabe que é pessoa. Para já o que faz melhor é sonhar. Ah! As pessoas conseguem sonhar. Acho que foi em sonhos que a Antónia viu as cores pela primeira vez. E as cores podem ser pessoas. A pessoa azul, a pessoa amarela ou a pessoa vermelha. Nos sonhos da Antónia as pessoas misturam-se e fazem uma paleta de pessoas. Há pessoas primárias e

pessoas secundárias. Há pessoas frias e pessoas quentes. Nos sonhos da Antónia também há luz. Mas quando o escuro invade os sonhos, a Antónia tem medo. E mesmo quando está acordada e não há luz, a Antónia tem medo do escuro. As pessoas têm medo. Ainda bem que tens a luz acesa.

### Ser Conjunto

A Antónia ganhou mais idade. Já conhece e reconhece outras pessoas. Já usa os pés para andar e parar. E a cabeça para dizer que não. As mãos da Antónia também falam quando a boca está a comer. Há pessoas que falam sempre com as mãos. Há pessoas que falam muito com as mãos. A Pessoa 4 é o avô da Antónia. O avô da Antónia tem mãos muito grandes. Tão grandes que consegue transformar as mãos em animais. Na parede branca, a Antónia já viu uma galinha, um pato, um touro e até um cavalo a relinchar. A Antónia sabe que as mãos do avô não relinham, porque ele esconde a cara, onde está a boca, por onde sai o som. A Antónia finge que acredita que as mãos do avô relinham, para o avô não ficar triste. Fingir não é bem mentir.

A Antónia, que agora já tem anos e meses e dias, decidiu fazer conjuntos. As pessoas gostam de fazer conjuntos. Parece que o cérebro gosta de organizar as pessoas, porque as pessoas gostam de pensar que têm um cérebro organizado. Mas eu e tu não. Para nós, a principal função do cérebro é ter ideias. E se o cérebro estiver todo organizado, como é que podemos ter uma ideia de camelos verdes a nadar com patins num copo vazio? Impossível!

Dentro dos conjuntos estão vários elementos. E para pertencer ao mesmo conjunto, os elementos têm de ter alguma coisa em comum. Por exemplo, o conjunto das pessoas cuja cor preferida é cor-de-rosa (com hífen). Outro conjunto pode ser o das pessoas que preferem cor de laranja (sem hífen). Mas, quando as pessoas são mesmo muito grandes, os conjuntos crescem tanto que as pessoas conseguem só com dois conjuntos organizar o mundo inteiro. Parecem quase conjuntos «Sim» ou «Não». Isto não quer dizer que pertencer a um conjunto «Sim» seja bom e que pertencer a um conjunto «Não» seja mau. O conjunto das pessoas que vivem num país e o das que não vivem nesse país. O conjunto das pessoas que trabalham e o



das que estão desempregadas. O conjunto das pessoas que estudam nesta escola e o das que estudam em todas as outras escolas que existem; as pessoas que já apareceram no ecrã da televisão e as que não; as pessoas que têm uma casa pequena e as que têm uma casa grande. O conjunto das pessoas culpadas e o conjunto das inocentes. Às vezes, as pessoas gostam de pertencer a um conjunto grande para se sentirem melhor. Há outras que gostavam de pertencer a um conjunto que lá dentro só pode ter um elemento. Será que alguém gostava de pertencer a um conjunto vazio? Felizmente, no cérebro da Antónia os conjuntos são um bocadinho diferentes. E nem sequer são conjuntos «Sim» ou «Não». O conjunto das pessoas que se sentam no banco do jardim. O conjunto das pessoas que dizem “Boa tarde!” a outra pessoa, mesmo que não se conheçam; as que leem histórias em voz alta; as que desenham nuvens num papel branco; as que já foram ao espaço num foguetão; as que ensinam outras pessoas a aprender; o conjunto das pessoas que vivem na mesma rua onde vive a Antónia; o conjunto das pessoas que começam todas as frases com “Meu amor,...”; o conjunto das pessoas que encostam o nariz à terra depois de chover num dia de verão e dizem “Hum, cheira bem!” e as que dizem, todos os dias, “Hoje foi o melhor dia de sempre!”.

### Ser Natural

Numa história sobre pessoas, onde todas as personagens são pessoas, onde estão os dinossauros extintos, os lilases lilás, a chuva torrencial, a terra vermelha, a primavera cheirosa, as estrelas brilhantes, os dentes-de-leão, os tigres-de-dente-de-sabre, o milho-miúdo, os mares que banham os continentes, as montanhas que ondulam na paisagem, as formigas e as cigarras, as ilhas desertas, os vulcões que mostram o interior da Terra, a água límpida, as nuvens que encobrem o Sol, as baleias-brancas, a areia quente, o fogo que arde, as rochas imóveis, os sobreiros vestidos de cortiça ou o ar puro? As histórias têm entrelinhas. E entre as linhas há outras linhas, escritas com tinta invisível, que fazem parte das histórias. Mas não vás buscar uma lupa ou os binóculos que estão arrumados na prateleira mais alta da estante da sala.

As pessoas não existem sem dia ou noite, sem primavera ou inverno, sem ar ou água, sem animais ou plantas. Até o fogo que às vezes se descontrola e provoca incêndios é o mesmo que aquece as casas e cozinha os alimentos que ficam tenros e livres de bactérias. E sabes que há reinos que não têm reis nem rainhas? E filos, classes, ordens, famílias, géneros e espécies? Também estes são uma espécie de conjuntos, onde se organizam os seres vivos. Começamos por um grande conjunto e desatamos a fazer conjuntos cada vez mais pequenos, e mais pequenos, e pequeníssimos e minúsculos. Quem diria que a Antónia e uma mosca pertencem ambas ao Reino Animal?! Mas a Antónia nem tem asas. E gostava tanto de voar.

A Antónia está atenta à Natureza. Percebe quando lhe chamam Mãe. É como se a Antónia tivesse duas mães, que a protegem desde sempre, mesmo antes de ser a Antónia do grande documento onde os pais escreveram «Antónia».



A Antónia, apesar de ser ainda pequena, mas de já ter poucos anos, poucos meses e poucos dias, sabe que é natural proteger quem a protege. Porque em todas as histórias tem de haver um passado, um presente e um futuro. Como no verbo ser. E, no presente, a Antónia já está rodeada de muitas pessoas. Da Pessoa 5 à Pessoa 18 já contou:

- a tia, irmã da mãe, que diz “Até amanhã se Deus quiser”;
- o carteiro, que toca à campainha do prédio e com quem a Antónia fala pelo intercomunicador;
- a avó, mãe do pai, que sabe fazer a melhor musse de chocolate;
- o primo, filho do irmão do pai, que gosta de alimentar os gatos que encontra na rua, e que anda sempre com ração na algibeira, não vá aparecer um ao virar da esquina;
- o cozinheiro da escola que a manda comer tudo até ao fim (mas nem precisava porque a comida é sempre deliciosa);
- a vizinha que vive no 2.º andar direito, que lhe dá amêndoas uma vez por ano;
- a outra tia, irmã da mãe, que coleciona pacotes de açúcar mas não bebe café;
- a melhor amiga da sua avó materna, que lhe aperta as bochechas;
- o avô, pai da mãe, que se veste de vermelho e tira prendas de um saco e diz com uma voz muito alta “Oh!, Oh!, Oh!”;
- a melhor amiga, com quem partilha o lanche e brinca à apanhada no recreio;
- a senhora que trabalha na mercearia e acrescenta rebuçados no troco que dá ao pai;
  
- a médica, que lhe ausculta o coração e que nunca a deixa ficar doente;
- a avó, mãe da mãe, que tricota gorros quentes para usar no inverno;
- o professor do jardim de infância, que cuida as crianças como se fossem flores e com quem aprende todos os dias qualquer coisa nova. Até a contar pessoas.

### Ser Real

Ao conjunto de todas as pessoas chamamos Humanidade. E a Humanidade é tão grande! Grande de crescida! Já tem muitos milénios, séculos, décadas e lustros. E a Antónia, que assim parece tão pequena, ganhou, outra vez, mais idade. E no final do verão, quando o ano letivo começou, contou muitas pessoas novas. Para quem só tinha contado até 18, agora os dedos das mãos e dos pés já não chegam para contar tanta gente!



E, claro, fez mais conjuntos novos: o conjunto dos amigos e o conjunto dos mais ou menos amigos. Mas um dia, no final da primeira semana de aulas, criou mais um conjunto. Parece que este novo conjunto, a que a Antónia chamou «o conjunto dos não-amigos», tem só um elemento: um colega novo da Antónia, que ela havia contado como Pessoa 27. Este conjunto surgiu depois de uma brincadeira ter corrido mal, depois de alguns gritos, de duas birras e de dois amuos. E a Antónia pôs-se a repensar o significado da palavra amizade. – Grrrr!... – resmungou a Antónia, quando chegou a casa. E contou aos pais o que se tinha passado na escola entre ela (ela, a Pessoa 1) e ele (ele, a Pessoa 27). Os pais disseram-lhe com vozes doces, que saíam de bocas doces: – Antónia, não te zangues. – E acrescentaram: – As pessoas nem sempre estão de acordo, mas não é a discutir que resolvem as coisas. Tu e o teu amigo têm de conversar. Mas a Antónia, que só se sentia amarga e que agora até já sabia que existe o Reino Animal, começou logo com comparações e interrogações: – Dois leões que lutam para decidir quem é o verdadeiro leão-rei-da-selva continuam amigos quando a luta termina?

As primeiras 18 pessoas que a Antónia contou sempre lhe falaram de tolerância, compreensão e gentileza. Mas parecia que hoje, da boca, das mãos, dos ombros, e até dos pés da Antónia só saía raiva, ódio e irritação. Na escola, no dia seguinte, esperava-os uma aula especial. Todos os elementos do conjunto «Turma B» sentaram-se numa roda, como se estivessem sentados à roda do planeta Terra. Mas a cabeça da Antónia só parecia andar à roda de impaciência. E conversaram todos. E conversaram. E conversaram. E chegaram a acordo, que é aquilo que as pessoas fazem. Então, a Pessoa 27 pediu-lhe desculpa. Mas não foi só a palavra «desculpa» que saiu da boca da Pessoa 27. Da boca da Pessoa-Vinte-e-Sete saiu também um beijo que se colou na bochecha da Antónia. E a Antónia, a Pessoa-Um, sentiu a cara muito quente. Quente como nunca tinha sentido antes. Parecia que o tal fogo que se esconde nas entrelinhas lhe ia sair pelos olhos, orelhas, boca e nariz. E cinco minutos depois ainda as bochechas estavam mais vermelhas do que quando a melhor amiga da avó materna lhas apertava. Nesse dia, a Antónia soube o que é um conjunto interseção.

### Enfim, Ser

Um conjunto vazio é aquele que não tem elementos. É o número de lápis com bico no estojo da Antónia quando termina um desenho colorido. São os pontinhos verdes numa árvore de folha caduca durante o inverno. São as estrelas que não vês à noite porque o céu decidiu ficar nublado.

E as pétalas que restam num malmequer depois de lhe perguntares “bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada?”. E as gargalhadas que não saem das pessoas quando estão muito sérias. Os conjuntos vazios são silenciosos e não têm cor. As pessoas acham que o vazio é triste. A Antónia, que até ali só tinha medo do escuro, começou a pensar no vazio. E, às vezes, fica triste sem perceber porquê.



As notícias são um conjunto de informações boas e más. Mas este conjunto muda todos os dias. E só as notícias que são mesmo muito importantes é que se repetem no dia 1, no dia 2 e no dia 3. Raramente uma notícia permanece no conjunto mais do que uma semana. As notícias não param de chegar. Seja pela boca do vizinho, pelas mãos do senhor carteiro, pelo ecrã da televisão, pelo jornal que está sempre sobre o braço do sofá, quando os telefones tocam ou quando alguém bate à porta muito depressa.

Naquele dia foi assim. A campanha tocou. E antes de a campanha voltar a ganhar fôlego, tocou outra vez. Um toque sem-fim e uma campanha a ofegar. As notícias que chegam assim só podem ser mesmo muito boas ou mesmo muito más. As pessoas dizem que as notícias más correm depressa. Será que as notícias boas decidem caminhar lentamente, para se fazerem esperar? E nos dias em que as campanhas tocam até asfixiar e que as notícias são mesmo muito más, ser rima com doer. A Antónia só ouviu meias notícias. O corpo do avô parou: parou um coração, pararam dois pulmões, parou um fígado, parou um cérebro, pararam dois rins. A tristeza parte as pessoas em sílabas: pes-so-as, assim. Ou em letras: p-e-s-s-o-a-s, assim. E o som que fazem ao partir-se não é alto como um prato de porcelana fina a cair no chão grosso. É baixinho. E parece o som do violino da Pessoa 42 que mora no último andar. Primeiro partiu-se o pai, depois a mãe, em três letras cada um. A An-tó-ni-a viu desaparecer todos os animais de todas as paredes brancas e todos os cavalos que relinchavam a fingir.

Afinal, as pessoas podem gostar tanto de outras pessoas que também choram de tristeza. As pessoas vestiram-se de escuro e o medo do escuro voltou. A Antónia precisava de regressar ao passado. A Antónia tinha de mudar o presente. A Antónia queria trocar o futuro. Mas o ser tem três tempos.

### Será Normal?

Mas será que a idade se ganha, mesmo sem a pedirmos? E a Terra não para de girar? O vento, às vezes, podia deixar de soprar. E só sussurrar. A primavera podia não acabar? Os dias bons podiam demorar-se. E a música de que gostas podia não terminar. Os intervalos na escola parecem sempre curtos de mais: «Não posso continuar a brincar?». A cidade podia calar-se. Os cabelos brancos das avós podiam parar de nascer. E a roupa parar de encolher, podia? Os teus ténis preferidos podiam não se sujar.

A Antónia tinha tantas perguntas na cabeça, que foi furar as orelhas e comprou uns brincos com pontos de exclamação. Pelo menos por fora, parecia cheia de certezas.

A escola nova era o resultado da sua pequena escola a multiplicar por dez. Pareciam-lhe sempre pessoas a mais. Já tinha deixado de contar. As pessoas podiam mudar, pensas tu, penso eu, pensava a Antónia. Podiam parar de discutir, de se zangar, de mentir e de se



magoar. E de namorar! Os pais pareciam não ouvir e decidiu comprar um diário com o dinheiro do mealheiro. O dinheiro é um objeto, por isso não vamos falar dele.

Ao diário contava tudo, escrito num código que tinha inventado. Não foi fácil, mas como o diário não tinha uma fechadura, a chave para o problema foi substituir cada letra do alfabeto por um símbolo, porque os seus segredos eram os mais secretos de todo o Universo. Anotava receitas secretas, poemas secretos, letras secretas para canções que só ela conhecia, pensamentos muito secretos e desenhos de roupas que a Antónia achava que nunca a deixariam vestir. Já tinha 12 anos, 3 meses e 24 dias. Sentia que não parava de crescer. Quando se olhava ao espelho, só via uns braços grandes e umas pernas ainda maiores. Mas tu e eu sabemos que os espelhos mostram as coisas ao contrário. Pois. Sentia-se como um peixe grande que já não cabe num aquário pequeno. Não tinha um irmão, nem uma irmã, para segredar.

E na escola nova era tudo novo. No primeiro dia, poucas palavras lhe saíram pela boca, pela cabeça ou pelas mãos. Só disse «Antónia» várias vezes. E disse, uma vez: – Não quero salada. Sentou-se ao lado de uma pessoa que lhe disse o nome. E a Antónia respondeu, mais uma vez naquele primeiro dia, «Antónia».

O dia seguinte foi mais ou menos igual. – Deves pensar que és muuuuuuito grande! Porque é que não falas connosco? – disseram-lhe os colegas de turma no terceiro dia de aulas. «Grande?!», pensou com o seu cérebro, que estava cada vez mais cheio de perguntas e cada vez mais vazio de ideias e que agora também tinha um ponto de exclamação. A Antónia, que só queria sentir-se pequena, nem respondeu. Quando chegou a casa fechou-se no quarto, sem bater com a porta. Fechou as portadas da janela. E deixou-se ficar com a cabeça na almofada, como se tivesse sono, mas sem dormir. Encarou o escuro.

Depois, com o dedo polegar da mão direita, carregou no interruptor do candeeiro da mesa de cabeceira e apontou a lâmpada em direção à parede branca. Com as suas mãos, que na verdade ainda eram pequenas, tentou fazer um cavalo. Depois de muito misturar os cinco dedos de cada uma das suas duas mãos, o cavalo apareceu. E relinchou.

A Antónia percebeu que para sermos grandes temos de nos manter pequenos. E o seu cérebro fez desaparecer, porque lhe apeteceu, muitas perguntas, e, porque lhe apeteceu, voltou a encher-se de muitas ideias e de alguns pontos de exclamação.